

Mudanças discursivas em livros didáticos brasileiros de ensino de Português como Língua Estrangeira¹

Leandro Rodrigues Alves Diniz

Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP - Brasil)

Resumo: A configuração do Mercosul como novo espaço geopolítico transnacional – institucionalmente, com a assinatura dos Tratados de Assunção, em 1991, – foi acompanhada por um intenso processo de gramatização (Auroux, 1992) brasileira do português como língua estrangeira (Zoppi-Fontana, 2007). O presente artigo visa apresentar um panorama dessa instrumentalização, concentrando-se sobre a produção de livros didáticos brasileiros de ensino de português para falantes de outras línguas desde a década de 1950. É possível perceber mudanças nesse processo, destacando-se a construção de uma posição de autoria do brasileiro em relação a esse saber metalingüístico. A produção de livros didáticos aumenta consideravelmente a partir do fim da década de 80, o que, possivelmente, se relaciona a mudanças mais amplas nas condições de produção – especificamente, ao aumento do poder do Mercado, por exemplo, através da constituição de blocos econômicos transnacionais, como o Mercosul. Análises discursivas indicam que, com efeito, livros didáticos mais recentes trabalham no sentido de legitimar o novo lugar ocupado pelo português, agora uma “língua de comunicação”, urbana, ou, em uma palavra, “veicular” (Gobard, 1976). O português passa a aparecer, então, como uma língua através da qual se pode obter “sucesso”. Essa é, segundo Payer (2005), a recompensa prometida àqueles que obedecem às “leis do Mercado”, em tempos contemporâneos.

Palavras-chave: Português Língua Estrangeira, livro didático, gramatização, língua veicular

Introdução

Conforme destaca Zoppi-Fontana (2007), a construção de um saber metalingüístico brasileiro sobre o Português como Língua Estrangeira (PLE) – impulsionada pela assinatura dos Tratados de Assunção (1991), que configuram o Mercosul – envolveu distintos mecanismos de institucionalização, bem como a produção de diferentes instrumentos lingüísticos, seja a partir do Estado, da Academia ou da iniciativa privada. O presente artigo tem como objetivo refletir sobre a constituição desse saber, concentrando-se sobre os livros didáticos (LD) de PLE produzidos no Brasil.

Inicialmente, apresentaremos o quadro teórico-metodológico a partir do qual se norteia nosso estudo: o da História das Idéias Lingüísticas, na sua articulação com a Análise do Discurso. Em seguida, faremos um panorama da instrumentalização brasileira do PLE – aí compreendido um levantamento dos principais materiais didáticos produzidos no Brasil desde a década de 1950. A partir de uma análise quantitativa desse levantamento, discutiremos a hipótese de que há uma mudança nas condições de produção dos LDs em questão. Buscaremos,

¹ O presente artigo apresenta os resultados parciais obtidos no projeto de mestrado “A didatização da língua nacional brasileira como língua estrangeira: efeitos imaginários, política lingüística e processos de subjetivação”, desenvolvido na Universidade Estadual de Campinas (Campinas – Brasil) por Leandro R. A. Diniz, sob a orientação da Prof.^a Dr.^a Mônica G. Zoppi-Fontana. Tal pesquisa, que conta com o apoio da FAPESP (processo n.º 05/57352-0), se inscreve no projeto “A língua brasileira no Mercosul. Instrumentalização da língua nacional em espaços de enunciação ampliados” (bolsa PQ/ CNPq, processo n.º 302969/2004-7), coordenado por essa mesma professora.

então, elementos que nos permitam sustentar essa hipótese, analisando algumas mudanças discursivas nos LDs mais recentes, que apontam para um deslocamento no estatuto da língua brasileira.

Quadro teórico-metodológico

Nossa pesquisa tem como referencial teórico-metodológico um novo campo de conhecimento, fundado na França (Auroux, 1989) na década de 80 — a *História das Ciências da Linguagem* — e que se consolidou no Brasil sob o nome de *História das Idéias Lingüísticas* (HIL). Essa perspectiva caracteriza-se por pensar o domínio dos fenômenos da linguagem como um espaço de produção de tecnologias que mudam a relação do homem com os objetos simbólicos e com as formas de organização social. Há, assim, uma forte crítica ao mito da cientificidade expandido pela historiografia das ciências da linguagem, considerado pernicioso para a compreensão do papel desempenhado por essas disciplinas (*idem*, 1992).

Indo de encontro a tal visão positivista, Auroux (*ibidem*) analisa duas revoluções no campo da linguagem, que mudam radicalmente a relação do homem com suas condições materiais de existência. A primeira corresponde ao surgimento da escrita, que, segundo o autor, é um dos fatores necessários para o aparecimento das ciências da linguagem — e não o contrário, como propõem alguns estudiosos. A segunda diz respeito ao massivo processo de gramatização ocorrido a partir do Renascimento europeu. Longe de ser uma mera descrição metalingüística, esse processo confere ao Ocidente um meio de conhecimento e dominação sobre outras culturas do planeta.

Um conceito fundamental nessa perspectiva é o de *gramatização*, definido por Auroux (*ibidem*, p. 65) como “o processo que conduz a descrever e a instrumentar uma língua na base de duas tecnologias, que são ainda hoje os pilares de nosso saber metalingüístico: a gramática e o dicionário”. A gramática e o dicionário são, assim, concebidos como verdadeiros instrumentos lingüísticos, que mudam a ecologia de comunicação:

A gramática não é uma simples descrição da linguagem natural, é preciso concebê-la também como um instrumento lingüístico: do mesmo modo que um martelo prolonga o gesto da mão, transformando-o, uma gramática prolonga a fala natural e dá acesso a um corpo de regras e de formas que não figuram junto na competência de um mesmo locutor. Isso é ainda mais verdadeiro acerca dos dicionários: qualquer que seja minha competência lingüística, não domino certamente a grande quantidade de palavras que figuram nos grandes dicionários monolíngües que serão produzidos a partir do Renascimento. (*ibidem*, p. 69)

No Brasil, o campo da HIL se caracteriza fortemente por pensar a história do saber metalingüístico no país em relação à constituição da língua nacional. Numerosas pesquisas trabalham a hipótese de que a gramatização, além de implicar a constituição de um saber metalingüístico, resulta na construção de espaços imaginários de identificação, tendo, assim, efeitos sobre a configuração das formas das sociedades (Orlandi, 2001). Para isso, são investigadas diferentes instâncias de gramatização, o que inclui não apenas a gramática e dicionário, mas também vocabulários, currículos, programas de ensino, exames de língua, acordos ortográficos, nomenclaturas oficiais, textos didáticos, entre outros (*ibidem*). Muitos desses trabalhos são marcados por uma estreita relação com a Análise de Discurso, campo que se desenvolve na França a partir do final da década de 1960 – fundamentalmente, com os trabalhos de Michel Pêcheux –, e se reterritorializa no Brasil a partir do fim da década de 80, inicialmente, por meio dos trabalhos de Orlandi e dos pesquisadores a ela filiados.

Em nosso estudo, procuramos pensar os livros didáticos de PLE como uma das instâncias de gramatização da língua brasileira, que produz sentidos para a relação que o sujeito não-brasileiro estabelece com o Brasil, seu povo e sua língua nacional. Concebemo-los, assim, como *instrumentos lingüísticos*, que funcionam como um “observatório da constituição dos sujeitos, da sociedade e da história” (Orlandi, *ibidem*, p. 9), investigando, especificamente, a maneira como os livros mais recentes trabalham discursivamente as mudanças no estatuto da língua brasileira, agora uma língua transnacional.

Saber metalingüístico e língua transnacional

Antes de nos determos sobre os livros didáticos de PLE, foco de nosso trabalho, apresentaremos um panorama geral do processo de gramatização brasileira do português como língua transnacional, tendo como base as reflexões de Zoppi-Fontana (2007).

Tal autora destaca, em primeiro lugar, as diferentes iniciativas de ensino formal para formação de professores de PLE a partir de meados da década de 90, chamando especial atenção para a criação do primeiro curso de *Licenciatura em Português do Brasil como segunda língua*, na UnB, em 1997. Conforme mostra Almeida Filho (2005), em diversas universidades, houve o fortalecimento de disciplinas já existentes nos cursos de Letras e a criação de novas disciplinas em programas de graduação e pós-graduação *stricto sensu*. Esse é o caso da

Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), Universidade Federal Fluminense (UFF), Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), Pontifícia Universidade Católica - Rio de Janeiro (PUC-Rio), Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) e Universidade de Brasília (UnB).

O número de pesquisas acadêmicas nesta área cresceu, dessa forma, substancialmente. Entre 1993 e 2003, apenas na Unicamp, foram publicadas, segundo Almeida Filho (*ibidem*), 16 teses sobre PLE, sendo que instituições como USP, UFRJ, UFRGS, PUC-SP, UFPE, UFMG e UnB, entre outras, também têm apresentado trabalhos periodicamente. Publicações especializadas nesta área são cada vez mais regulares, bem como eventos científicos; dentre esses, os organizados pela SIPLE (Sociedade Internacional Português Língua Estrangeira), fundada em 1991. Além disso, lembra Almeida Filho (*ibidem*), várias universidades – a exemplo da Universidade de São Paulo (USP), Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), UFRJ, Unicamp, UFF e UnB – contam hoje com cursos de português para falantes de outras línguas.

Um instrumento lingüístico importante nesse processo de gramatização é, conforme lembra Zoppi-Fontana (*ibidem*), o *Certificado de Proficiência em Língua Portuguesa para Estrangeiros* (Celpe-Bras), desenvolvido e outorgado pelo Ministério da Educação do Brasil (MEC) e aplicado no Brasil e em outros países com o apoio do Ministério das Relações Exteriores (MRE). Trata-se do único certificado desta natureza reconhecido oficialmente no Brasil, sendo atualmente exigido pelas universidades brasileiras para ingresso de alunos não-brasileiros em cursos de graduação e pós-graduação, assim como para revalidação de diplomas de médicos estrangeiros que queiram atuar no Brasil. Esse exame, cujo processo de implementação teve início em 1993 e cuja primeira aplicação data de 1998, encontra-se em franco processo de crescimento, sendo hoje aplicado em mais de 20 centros no Brasil e 30 no exterior.

A gramatização brasileira do PLE no fim do século XX e início do XXI comportou, por fim, vários projetos editoriais de reedição e elaboração de materiais didáticos. A fim de fazer um mapeamento deste processo, apresentamos, no Anexo 1, uma tabela em que constam os principais LDs brasileiros de ensino de PLE. Além dos

livros de publicação mais recente, incluímos os mais antigos, publicados nas décadas de 50 e 60, o que nos possibilitará identificar algumas mudanças no processo de gramatização do PLE ao longo dos anos.

Em primeiro lugar, vale observar que os primeiros LDs nessa área foram escritos por estrangeiros, caracterizando, assim, uma *exogramatização*². A esse respeito, Gomes de Matos (1989, p. 11) coloca:

Talvez não seja exagero afirmar que, excetuando-se a PUC-RS (ali usava-se *Português para Estrangeiros*, de Mercedes Marchant), a quase totalidade dos (pouquíssimos, aliás) cursos de Português do Brasil oferecidos em nosso país na década de 50 dependiam de textos escritos no exterior, principalmente nos Estados Unidos. Não é, portanto, de estranhar que o primeiro livro didático para ensino de nossa variedade brasileira da língua portuguesa – razoavelmente influenciado pela Lingüística de base estruturalista em vigor naquela época – fosse *Spoken Portuguese* de autoria de um ítalo-americano, Vincenzo Cioffari, edição do “American Council of Learned Societies” para as Forças Armadas dos EEUU.

Nas décadas de 50 e 70, aparecem alguns LDs escritos por autores brasileiros; todavia, esses foram, em sua grande maioria, publicados por editoras estrangeiras, em especial, dos EUA. Como exemplo, podemos citar os seguintes livros: “Português contemporâneo”, de Abreu e Rameh, publicado pela Georgetown University Press (Washington, D. C.), em 1966; “Português: conversação e gramática”, de Magro e Paula, cuja primeira edição foi publicada pelo Brazilian American Cultural Institute, em 1969; “Modern Portuguese – A Project of the Modern Language Association of America”, de Ellison, Gomes de Matos *et al.*, publicado pela Knopf (Nova Iorque), em 1971. Dessa forma, ao que nos consta, os únicos livros de PLE publicados no Brasil entre as décadas de 50 e 70 são “Português para estrangeiros” e “Português básico para estrangeiros”, escritos, respectivamente, por Marchant e Monteiro.

A partir da década 80, o número de materiais publicados no Brasil passa a aumentar gradativamente. Dentre os livros que apareceram nessa década, estão “Falando, lendo, escrevendo português: um curso para estrangeiros”, “Tudo bem – Português para a nova geração”, “Avenida Brasil: curso básico de português para estrangeiros” e “Fala Brasil”, todos publicados por editoras brasileiras.

É, porém, a partir da década de 90, que o número de livros didáticos de PLE publicados aumenta substancialmente. Diversificam-se então os públicos-alvos dos livros, aparecendo materiais para hispano-falantes

² A distinção entre “endogramatização” e “exogramatização”, proposta por Auroux (1992, p. 74), se faz a partir da posição dos sujeitos que produzem o instrumento lingüístico em questão, correspondendo, respectivamente, aos casos em que estes sujeitos são falantes nativos ou não da língua gramatizada.

(“Um português bem brasileiro”, “Conhecendo o Brasil – curso de português para falantes de espanhol”), crianças (“Português para estrangeiros infanto-juvenil”), adolescentes (“Português para jovens de fala hispânica”, “Sempre amigos: fala Brasil para jovens”), funcionários de empresas (“Panorama Brasil: ensino do português no mundo dos negócios”) e candidatos ao exame Celpe-Bras (“Estação Brasil: português para estrangeiros”). Os níveis de proficiência contemplados pelos livros também se diversificam, passando a haver uma maior quantidade de livros para alunos de nível básico, intermediário e avançado³.

Elaboramos, a partir da tabela apresentada, um gráfico (Anexo 2) no qual podemos observar a contribuição percentual de cada quinquênio em relação ao total de livros de PLE publicados entre 1950 e 2006 e que constam em nosso levantamento. Podemos perceber que, conforme sinalizado anteriormente, o período compreendido entre 1985 e 2006 – que corresponde a apenas 38% em relação ao espaço de tempo considerado – responde por mais da metade da produção dos LDs⁴. Observamos, assim, a construção de uma posição de autoria do brasileiro em relação a esse saber metalingüístico.

Todas as mudanças acima expostas vão ao encontro da hipótese de Zoppi-Fontana (2007): a mudança no espaço de enunciação⁵ da língua brasileira, desencadeada pela assinatura dos Tratados do Mercosul, produz conseqüências sobre o processo de gramatização brasileira do português, sendo possível falar de um novo período nesse processo. Discursivamente, torna-se necessário, então, refletir sobre as mudanças nas *condições de produção* dos discursos sobre o português – aí compreendidos os LDs de PLE – pensando, especificamente, o papel do Mercado nessa instrumentalização.

³ Ressaltamos que, a despeito do significativo impulso na produção dos materiais em questão, ainda é possível observar várias lacunas no mercado. Faltam até mesmo livros brasileiros para o ensino de português para falantes de espanhol, já que é principalmente no exterior que esses são publicados. Os livros para esse público que constam em nosso levantamento foram publicados pela Funceb (Fundação Centro de Estudos Brasileiros), sendo de uso local. O livro “Sempre amigos: fala Brasil para jovens”, por sua vez, aborda separadamente pontos relacionados ao ensino de português a hispano-falantes, sendo apenas o último de seus módulos dedicado especificamente a esse público. Faltam, ainda, LDs para universitários, que representam uma grande parcela dos interessados em aprender em português – como podemos observar pelo crescente número de alunos estrangeiros que fazem sua graduação ou pós-graduação parcial ou integralmente no Brasil, encorajados por convênios e programas de intercâmbio. Todavia, em que pesem essas e outras lacunas no mercado editorial de PLE, é bastante significativa a mudança por que passou a produção dos materiais em questão.

⁴ Vale destacar que o gráfico refere-se exclusivamente à produção de novos LDs, de forma que edições/reimpressões de materiais antigos não entraram para o cálculo da contribuição de cada quinquênio em relação ao total de LDs de PLE publicados no período em questão. Se o gráfico dissesse respeito ao número de materiais vendidos nesse período, certamente a área compreendida pelos anos de 1985 a 2006 seria ainda maior, dado que vários livros apresentam diversas edições/reimpressões.

⁵ Segundo Guimarães (2002, p. 18), os espaços de enunciação são “espaços de funcionamento de línguas, que se dividem, re-dividem, se misturam, desfazem, transformam por uma disputa incessante. São espaços habitados por falantes, ou seja, por sujeitos divididos por seus direitos ao dizer e aos modos de dizer”.

O papel do Estado e do Mercado no processo de gramatização brasileira do português

O conceito de “condições de produção” é, tanto do ponto de vista teórico quanto metodológico, fundamental no quadro da Análise do Discurso (AD). Nas palavras de Pêcheux (1969/1997, p. 78):

[...] os fenômenos lingüísticos de dimensão superior à frase podem efetivamente ser concebidos como um funcionamento, mas com a condição de acrescentar imediatamente que este funcionamento não é integralmente lingüístico, no sentido atual desse termo e que não podemos defini-lo senão em referência ao mecanismo de colocação dos protagonistas do discurso e do objeto de discurso, mecanismo que chamamos “condições de produção” do discurso.

As mudanças no processo de gramatização brasileira do português, destacadas anteriormente, parecem estar diretamente relacionadas a transformações mais amplas nas condições de produção – especificamente, a mutações nas formas do Poder na sociedade contemporânea, em que temos um certo apagamento das fronteiras nacionais e um declínio do poder do Estado, através da formação de espaços transnacionais (como o Mercosul) no movimento da “globalização” (Payer, 2005). Nas palavras de Habermas (1999, p. 48),

The trends that are today attracting general attention under the catch-all rubric ‘globalization’ are transforming a historical constellation characterized by the fact that state, society, and economy are, as it were, co-extensive within the same national boundaries. The *international* economic system, in which states draw the borderline between the domestic economy and foreign trade relations, is being metamorphosed into a *transnational* economy in the wake of the globalization of markets. Especially relevant here are the acceleration of world-wide capital flows and the imperative assessment of national economic conditions by globally interlinked capital markets. These factors explain why states no longer constitute nodes endowing the worldwide network of commercial relations with the structure of inter-state or international relations. **Today, it is rather states which are embedded within markets than national economies which are embedded within the boundaries of states.**⁶ [grifo nosso]

Com efeito, é possível observar uma mudança na instituição catalisadora do processo de instrumentalização brasileira do português. Lembremos aqui que o Estado ocupou uma posição central em diferentes momentos da gramatização do português como língua nacional. O próprio início desse processo, no século XIX, esteve

⁶ “As tendências que hoje despertam grande atenção sob o termo genérico ‘globalização’ estão modificando uma constelação histórica caracterizada pelo fato de o Estado, a sociedade e a economia serem, de certa maneira, co-extensivos dentro das mesmas fronteiras nacionais. O sistema econômico internacional, no qual os Estados traçam a fronteira entre a economia doméstica e as relações comerciais exteriores, está sendo metamorfoseado numa economia transnacional, na esteira da globalização dos mercados. Nesse sentido, são especialmente relevantes a aceleração dos fluxos universais de capital e a avaliação imperativa das condições econômicas nacionais por mercados capitais interligados globalmente. Esses fatores explicam por que os Estados não mais constituem os nós que conferem à rede global de relações comerciais a estrutura de relações inter-estatais ou internacionais. **Hoje, são antes os Estados que se encontram incorporados aos mercados do que as economias nacionais às fronteiras dos Estados.**” [negrito e tradução nossos]

diretamente relacionado com o estabelecimento do Estado Nacional (Orlandi, 2002). Poderíamos citar ainda a publicação da “Nomenclatura Gramatical Brasileira” (1959), que, ao limitar a profusão de terminologias e nomenclaturas, resulta num “esvaziamento” do lugar de autor do gramático em favor do lingüista (*ibidem*).

Destaquemos ainda os diversos *acontecimentos lingüísticos*⁷ diretamente relacionados à instância do Estado e que intervieram na relação do cidadão brasileiro com a língua nacional. Dentre eles, poderíamos citar o *Directório dos Índios* (1757), através do qual Marquês de Pombal torna oficialmente obrigatórios o ensino e o uso do português – a “língua do Príncipe” –, proibindo aulas de/em língua geral nas missões jesuíticas e o seu uso pela população (Mariani, 2001), ou as medidas de interdição de línguas estrangeiras durante o governo Vargas (Payer; Dias, 1998).

Por outro lado, no processo de gramatização do português como língua transnacional, o acontecimento que parece funcionar como catalisador desse processo se dá no âmbito do Mercado: a configuração do Mercosul como um novo espaço geopolítico transnacional. Ainda que diferentes políticas lingüísticas do Estado brasileiro tenham sido levadas a cabo durante a última década do século XX e a primeira do XXI – dentre elas, a criação do *Certificado de Proficiência em Língua Portuguesa para Estrangeiros* (Celpe-Bras) e do primeiro curso de *Licenciatura em Português do Brasil como segunda Língua* –, é necessário ter em vista que essas medidas são o *efeito* de medidas mais gerais, que dizem respeito ao movimento da globalização econômica.

Se há, de fato, mudanças nas *condições de produção*, esperamos observar diferentes práticas discursivas nos LDs de PLE produzidos antes e depois de meados da década de 80 / início da década de 1990. Na seção seguinte, perscrutaremos essa hipótese, através da análise de alguns efeitos de sentido que passam a ser produzidos nos materiais mais recentes.

⁷ Guilhaumou (1997) objetiva, com o conceito de *acontecimento lingüístico*, sublinhar a importância de se considerarem na descrição dos processos de gramatização os espaços intersubjetivos propícios à inovação lingüística. Na sua visão, é imprescindível valorizar o aspecto inovador da consciência lingüística dos sujeitos falantes em relação à própria língua, bem como o funcionamento dos instrumentos lingüísticos na produção de re-configurações criativas do processo de gramatização. O conceito de *acontecimento lingüístico* relaciona-se com a noção de *acontecimento discursivo* (Guilhaumou, *op. cit.*), o qual é pensado como o momento de emergência de formas singulares de subjetivação.

Deslocamentos da língua brasileira em direção à posição de “língua veicular”

Em sua tese de doutorado, Celada (2002) recorre, inicialmente, ao modelo tetralingüístico proposto por Deleuze e Guattari (1977) a partir do quadro de Gobard (1976), a fim de mostrar os lugares que a língua espanhola ocupou no quadro de línguas estrangeiras do Brasil, bem como as mudanças a que seu estatuto esteve submetido. Inspirados nessa tese, também propomos aqui nos valer do modelo tetralingüístico, objetivando analisar algumas mudanças no estatuto do português brasileiro, sinalizadas por novas práticas discursivas nos LDs de PLE publicados nos últimos anos.

Orlandi (1996, p. 64) afirma que “A interpretação é uma injunção. Face a qualquer objeto simbólico, o sujeito se encontra na necessidade de ‘dar’ sentido”. As línguas, enquanto objetos simbólicos, não escapam a esse fato. Submetemo-las aos nossos *gestos de interpretação*⁸, que, na nossa perspectiva, estão materialmente ligados à produção de um saber metalingüístico. Conforme destaca Celada (*op. cit.*, p. 23-24), as línguas aparecem vinculadas a filiações de memória:

No imaginário social certa língua se associa à ilusão de que aquele que conseguir conhecê-la e dominá-la terá acesso garantido ao sucesso profissional, enquanto outra terá de transformá-lo em pessoa culta e refinada. Já, em certos casos, uma ou outra língua poderá vincular-se à idéia de que ela possibilitará o acesso a um saber científico e rigoroso, ou, então, ao atributo de ser doce e ter uma musicalidade repousante.

O modelo tetralingüístico nos parece interessante justamente porque nos permite trabalhar essa série de imagens que se constituem em relação às línguas em uma determinada formação social. A primeira língua do modelo é a **vernácula**, materna ou territorial, de comunidade rural ou de origem rural, antes feita para a “comunhão” que para a “comunicação” (Gobard, 1976, p. 34). A segunda língua – **veicular**, urbana, estatal ou mesmo mundial – é aquela aprendida por necessidade e destinada à comunicação entre as cidades. Trata-se da língua da sociedade, de transmissão burocrática, de troca comercial. A terceira língua é a **referencial**, da cultura, do sentido, da inteligência. Por fim, a língua **mítica** é aquela que se encontra no horizonte das culturas, que opera

⁸ A partir das reflexões de Pêcheux (1969/1997), para quem gestos como assobios, vaias, aplausos, atirar uma bomba em uma assembléia etc., são gestos no nível do simbólico, Orlandi (1996) define o conceito de **gestos de interpretação**, para pensar a interpretação como um ato simbólico dessa mesma natureza de intervenção no mundo. Nesta perspectiva, o gesto de interpretação é uma prática discursiva, lingüístico-histórica, ideológica, com suas conseqüências. “Com efeito”, afirma a autora (*ibidem*, p. 84), “pode-se considerar que a interpretação é um gesto, ou seja, ela intervém no real do sentido”.

uma reterritorialização espiritual ou religiosa. Gobard propõe diferentes dimensões espaço-temporais para cada uma dessas línguas: a vernácula está *aqui*; a veicular, *em toda parte*; a referencial, *lá*; a mítica, *além* (cf. Gobard, *ibidem*; Deleuze e Guattari, 1977). A essas línguas se associam diferentes figuras: a de “l’instituteur”, do professor, do acadêmico e do poeta, respectivamente.

Um ponto fundamental no funcionamento do modelo diz respeito ao fato de que “a distribuição dessas línguas varia de um grupo para outro, e, para um mesmo grupo, de uma época para outra” (Deleuze e Guattari, *ibidem*). Em uma perspectiva discursiva, diríamos que mudanças nas *condições de produção* podem acarretar uma re-distribuição dessas línguas em uma determinada formação social.

Posto isso, formulemos a hipótese que gostaríamos de aqui apresentar: o lugar ocupado pelo português em relação a outras línguas se modifica a partir de mutações mais amplas nas condições de produção. Essas mudanças, conforme discutimos, dizem respeito ao crescimento do Poder do Mercado, sendo a configuração do Mercosul uma de suas manifestações. Os LDs de PLE, enquanto instrumentos lingüísticos, passam a trabalhar discursivamente a legitimação deste novo lugar do português brasileiro, agora uma **língua veicular**.

Os próprios títulos de alguns LDs já apontam para esse funcionamento, como “Bem-vindo: a língua portuguesa **no mundo da comunicação**” [grifo nosso], publicado em 1999. A expressão “bem-vindo” e a determinação discursiva do nome “a língua portuguesa”, feita pelo sintagma “no mundo da comunicação”, produzem um efeito de ruptura: a língua portuguesa – que, conforme a própria capa (ANEXO 3) sinaliza, através de elementos não-verbais, diz respeito àquela falada no Brasil – antes não pertencia ao conjunto das línguas que “estão no mundo da comunicação”, mas agora já ocupa esse lugar. A expressão “(estar) no mundo da comunicação” pode, então, parafrasticamente, ser relacionada a expressões como “estar no mundo comercial”, “estar incluído no mundo globalizado”, o que produz para o português os sentidos de uma língua de *ação*, de socialização, de troca, ou, para resumir, de *veicular*.

Outro título que produz um efeito de sentido semelhante é o “Panorama Brasil: ensino do Português **do mundo dos negócios**”, publicado em 2006. Observamos aí uma determinação, feita pelo artigo “o” – que aparece junto com a preposição “de” – e pelo sintagma preposicional “do mundo dos negócios”. Produz-se assim o efeito

de que um dos domínios em que o português se encontra é, justamente, o do comércio/ da economia, a tal ponto que se pode falar de um português específico para “o mundo dos negócios”.

Algumas capas produzem efeitos de sentido similares, como a do livro “Diálogo Brasil” (ANEXO 3). Em seu segundo plano, aparece a imagem de uma praia deserta, configurando-se, assim, um processo parafrástico, que produz o retorno a um mesmo espaço de dizer: o Brasil aparece, pois, como um local paradisíaco, dotado de inúmeras riquezas naturais, “abençoado por Deus”. Por outro lado, estão, em primeiro plano, executivos sentados à mesa, concentrados e pensativos, em uma reunião de negócios. O fato de esses serem de diferentes etnias nos leva a pensar numa reunião característica de um mundo globalizado, envolvendo empresas de diferentes países. A presença de uma antena parabólica no canto esquerdo da capa reforça essa imagem. O jogo entre esses dois planos da imagem parece reproduzir, dessa forma, a tensão entre paráfrase e polissemia⁹. A paráfrase se relaciona ao segundo plano da imagem, em que temos a presença de elementos do *discurso fundador*¹⁰; a polissemia ao primeiro plano da imagem, que produz para a língua nacional do Brasil os sentidos de uma língua *veicular*.

Por fim, analisemos brevemente os seguintes recortes:

(i) “O Brasil vem se destacando cada vez mais no cenário econômico mundial. Todos os dias, mais e mais empresas e profissionais chegam aqui para concretizar Negócios e participar da nossa economia. Torna-se, **portanto**, essencial o ensino e o aprendizado do idioma português falado no Brasil por parte de todos os protagonistas desse universo”. (quarta-capa do “Panorama Brasil: ensino de português no Mundo dos Negócios”) [grifo nosso]

(ii) *Diálogo Brasil – Curso intensivo de português para estrangeiros* propicia o conhecimento de comportamentos sociais e culturais brasileiros, facilitando, dessa maneira, **através do** aprendizado da língua, uma adaptação profissional mais rápida e segura no país. (prefácio do livro “Diálogo Brasil: curso intensivo de português para estrangeiros”) [grifo nosso]

⁹ Segundo Orlandi (2005), dois grandes processos regem o funcionamento da linguagem: o parafrástico e o polissêmico. Aquele está ao lado da estabilização, produzindo o retorno aos mesmos sítios de significação, através de formulações diferentes; este joga com o equívoco, estando relacionado ao deslocamento, à ruptura dos processos de significação.

¹⁰ Por discursos fundadores, entendemos, como Orlandi (1993), aqueles discursos que se estabilizam como referência na construção da memória nacional e que funcionam como referência básica no imaginário constitutivo desse país. A autora chama atenção para uma característica importante do discurso fundador – a sua relação particular com a “filiação” –, uma vez que o discurso fundador “*cria tradição de sentidos projetando-se para a frente e para trás, trazendo o novo para o efeito do permanente. Instala-se irrevogavelmente. É talvez esse efeito que o identifica como fundador: a eficácia em produzir o efeito do novo que se arraiga no entanto na memória permanente (sem limite). Produz desse modo o efeito do familiar, do evidente, do qual só pode ser assim*” (*ibidem*, p.13-14). O que define o discurso fundador é, ainda segundo Orlandi (*ibidem*, p. 23-24), sua historicidade: “a ruptura que cria uma filiação de memória, com uma tradição de sentidos, e estabelece um novo sítio de significância”.

Observamos aí que o português não é um fim em si, mas um instrumento através do qual se pode atingir um objetivo maior; por exemplo, viver com maior facilidade no Brasil ou obter êxito profissional. A aprendizagem dessa língua aparece, dessa forma, como uma promessa de “sucesso”. Essa é, segundo Payer (2005), a recompensa prometida para aqueles que obedecem às “leis de Mercado”, assim como a submissão às leis divinas, na Idade Média, servira como promessa de salvação da alma, e à lei jurídica, na Idade Moderna, como promessa de liberdade (de circulação e de dizer).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O mapeamento dos LDs brasileiros de PLE nos permitiu perceber algumas mudanças no processo de instrumentalização do português como língua estrangeira, destacando-se a construção de uma posição de autoria do brasileiro em relação a esse saber metalingüístico. Um marco nesse processo parece ser o fim da década de 80/ início da década de 90, período marcado pela ampliação do espaço brasileiro de enunciação, a partir da configuração do Mercosul. Nessas novas condições de produção dos LDs de PLE – marcadas por uma tensão na transferência do Poder do Estado para o Mercado –, o português passa a ocupar um novo lugar em relação a outras línguas. Enquanto instrumentos lingüísticos, os LDs mais recentes trabalhariam no sentido de legitimar esse lugar do português, agora uma língua veicular. A aprendizagem de português passa, então, a ser associada à possibilidade de “sucesso”. Essa é, segundo Payer (2005, p. 11), a palavra que resume o “enunciado todo-poderoso do Mercado”, que funciona como lugar máximo de interpelação na sociedade contemporânea.

OBRAS CITADAS

Almeida Filho, J. C. P. "Foco na institucionalização do PLE." In: *Seminário anual da sociedade internacional português língua estrangeira (SIPLE)*, 4, São Carlos, 2005.

Auroux, S (org). *Histoire des idées linguistiques. La naissance des métalangages en Orient et en Occident*. Bruxelles: Pierre Mardaga, 1989.

_____. *A revolução tecnológica da gramatização*. Campinas: Unicamp, 1992.

- Celada, M. T. *O espanhol para o brasileiro: uma língua singularmente estrangeira*. Campinas: Tese de doutorado do IEL/UNICAMP, 2002.
- Deleuze, G. e Guattari, F. "O que é uma literatura menor?" In: _____. *Kafka. Por uma literatura menor*. Trad. por Júlio Castañon Guimarães. Rio de Janeiro: Imago, 1977, p. 25-42.
- Gobard, H. *L'aliénation linguistique. Analyse tétraglossique*. Paris: Flammarion, 1976.
- Gomes De Matos, F. "Quando a prática precede a teoria: a criação do PBE." In: *O ensino de português para estrangeiros: pressupostos para o planejamento de cursos e elaboração de materiais*. Campinas: Pontes, 1989, p. 11-17.
- Guilhaumou, J. "Efeitos do arquivo. A análise do discurso no lado da História." In: Orlandi, E. (org.) *Gestos de Leitura. Da História no Discurso*. Campinas: Unicamp, 1997, p. 163-187.
- Guimarães, E. *Semântica do acontecimento: um estudo enunciativo da designação*. Campinas: Pontes, 2002.
- Habermas, J. "The european nation-state in the pressures of globalization." In: *New left review*, n. 235, maio-junho de 1999, p.46-59.
- Mariani, B. "A institucionalização da língua, história e cidadania no Brasil do século XVIII: o papel das academias literárias e da política do Marquês de Pombal." In: Orlandi, E. (org.) *História das Idéias Lingüísticas. Construção do saber metalingüístico e constituição da língua nacional*. Campinas, SP: Pontes; Cáceres, MT: Unemat Editora, 2001, p. 99-124.
- Orlandi, E. P. (org) *Discurso Fundador. A formação do país e a construção da identidade nacional*. Campinas: Pontes, 1993.
- _____. *Interpretação: autoria, leitura, efeitos do trabalho simbólico*. Petrópolis: Vozes, 1996.
- _____. "Apresentação". Orlandi, E. (org.). *História das Idéias Lingüísticas: Construção do Saber Metalingüístico e Constituição da Língua Nacional*. Campinas/Cáceres: Pontes/Unemat, 2001, p. 7-20.
- _____. *Língua e conhecimento lingüístico. Para uma História das Idéias no Brasil*. São Paulo: Cortez, 2002.
- _____. *Análise de discurso: princípios e procedimentos*. 6ª ed, Campinas/SP: Pontes, 2005.
- Payer, M. O. "Sujeito e sociedade contemporânea. Sujeito, Mídia, Mercado". *Revista Rua, Núcleo de Desenvolvimento da Criatividade da Unicamp*, n. 11, março de 2005, p. 9-25.
- _____; Dias, L. F. "Langue et nationalité au Brésil années 1930 et 1940." In: *Languages. L'hyperlangue brésilienne*. Paris: Larousse, 1998, p. 112-124.

- Pêcheux, M. "Análise automática do discurso (AAD-69)." Trad. Eni P. Orlandi. *In: Gadet, F. & Hak, T. (orgs). Por uma análise automática do discurso. Uma introdução à obra de Michel Pêcheux.* Campinas: Unicamp, 1969/1997, p. 61-161.
- _____; Fuchs, C. "A propósito da análise automática do discurso: atualização e perspectivas." Trad. Eni P. Orlandi. *In: Gadet, F. & Hak, T. (orgs). Por uma análise automática do discurso. Uma introdução à obra de Michel Pêcheux.* Campinas: Unicamp, 1969/1997, p. 163-252.
- Zoppi-Fontana, M. G. "A língua brasileira no Mercosul. Instrumentalização da língua nacional em espaços de enunciação ampliados." *In: X Simposio Internacional de Comunicación Social, 2007, Santiago de Cuba. ACTAS-1...* Santiago de Cuba: Centro de Lingüística Aplicada, 2007. v. 1. p.316–321.

ANEXO 1 – MATERIAIS DIDÁTICOS BRASILEIROS¹¹ DE ENSINO DE PORTUGUÊS COMO LÍNGUA ESTRANGEIRA / SEGUNDA LÍNGUA

Ano de publicação¹²	Título	Autor(es)¹³	Editora	ISBN	Componentes¹⁴	Público-alvo/ nível¹⁵
1954 (1ª edição)	Português para estrangeiros (volumes 1 e 2)	MARCHANT, Mercedes	Porto Alegre: Age ¹⁶	8585627212	LA	“Estrangeiros de qualquer nacionalidade”
1969 (1ª edição)	Português: conversação e gramática	MAGRO, Haydée S; PAULA, Paulo de	São Paulo: Pioneira / Brazilian American Cultural Institute	8522101094	LA, K7	Básico e intermediário
1976 (2ª edição)	Português básico para estrangeiros	MONTEIRO, Sylvio	São Paulo: Ibrasa	8534801169	LA, K7 (1)	Nível básico
1981 (1ª edição)	Falando, lendo, escrevendo português: um curso para estrangeiros ¹⁷	LIMA, Emma Eberlein Oliveira Fernandes; IUNES, Samira Abirad	São Paulo: EPU	85-12-54010-9	LA, LE, LP, LR, LT, G (al, fr, ing), CD/K7 para LA (3), CD/K7 para LE (4)	“Adultos e adolescentes a partir dos 13 anos, de qualquer nacionalidade. Leva o aluno totalmente principiante até o nível intermediário”
1984 (1ª edição) ¹⁸	Tudo bem? Português para a nova geração (volumes 1 e 2)	PONCE, Maria Harumi Otuki; BURIM, Silvia; FLORISSI,	São Paulo: SBS	8587343270 (Vol.1) 858734384X (Vol.2)	LA, CD (2)	“Voltado às necessidades do público jovem”

¹¹ Este levantamento também compreende livros publicados pela Funceb (Fundação Centro de Estudos Brasileiros), dado que essa faz parte da Rede Brasileira de Ensino pertencente à Divisão de Promoção da Língua Portuguesa (DPLP), organismo dependente do Ministério das Relações Exteriores do Brasil que coordena sua política cultural externa.

¹² No caso de coleções com mais de um volume/nível para o livro do aluno, o ano de publicação refere-se ao do primeiro volume/nível. Quando possível, colocamos o ano da primeira edição do livro. Nos casos em que não foi possível encontrar essa informação, colocamos o ano da edição mais antiga que encontramos.

¹³ Elencamos nesta coluna apenas os autores dos livros do aluno.

¹⁴ Adotamos as seguintes siglas: LA (livro do aluno), LE (livro de exercícios), LP (livro do professor), LR (livro de respostas), LT (livro de testes), G (glossário), al (alemão), esp (espanhol), fr (francês), ing (inglês). Os números entre parênteses indicam a quantidade de CDs ou fitas K7s que fazem parte da coleção.

¹⁵ As informações que constam nesta coluna foram retiradas dos prefácios e/ou quarta-capas dos livros do aluno.

¹⁶ Ambos os volumes deste livro foram, originalmente, publicados pela Editora Sulina.

¹⁷ Posteriormente editado com o título de “Falar... ler... escrever... português: um curso para estrangeiros” (ISBN: 85-12-54310-8).

¹⁸ Livro publicado originalmente pela Editora Ao Livro Técnico (Rio de Janeiro)

		Susanna.				
1986	Avenida Brasil: curso básico de português para estrangeiros (volumes 1 e 2)	LIMA, Emma Eberlein Oliveira Fernandes; ROHRMANN, Lutz; ISHIHARA, Tokiko; BERGWEILER, Cristián González; IUNES, Samira Abirad	São Paulo: EPU	85-12-54700-6 (vol. 1) 85-12-54750-2 (vol. 2)	LA, LE, LP, CD/K7 (2), G (al, esp, ing, fr) ¹⁹	“Destina-se a estrangeiros de qualquer nacionalidade, adolescentes e adultos que queiram aprender Português para poder comunicar-se com brasileiros e participar de sua vida cotidiana”.
1989 (1ª edição)	Fala Brasil	COUDRY, Pierre; FONTÃO DO PATROCÍNIO, Elizabeth	Campinas: Pontes	85-7113-082-5	LA, LE, CD/K7 (2)	“Falantes de qualquer idioma”
1990 (1ª edição)	Português como segunda língua	ALMEIDA, Marilú Miranda Montenegro e; GUIMARÃES, Lucia Angelina Cid Loureiro	Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico	85-215-0534-5	LA	“O livro tem como objetivo suprir as necessidades encontradas no estudo do Português”. “Destina-se a alunos que já tenham noções da língua”.
1990 (1ª edição)	Português via Brasil. Um curso avançado para estrangeiros	LIMA, Emma Eberlein Oliveira Fernandes; IUNES, Samira Abirad	São Paulo: EPU	85-12-54380-2	LP, LA, K7	“Pessoas que tenham terminado o curso básico de Português como língua estrangeira e desejam prosseguir seus estudos em nível intermediário e avançado”.
1991 (1ª edição)	Aprendendo português do Brasil: um curso para estrangeiros	LAROCA, Maria Nazaré de Carvalho; BARA, Nadime; PEREIRA, Sonia Maria da Cunha	Campinas: Pontes	85-7113-065-5	LA, LE, LP, CD/K7 (1)	“O livro tem como objetivo dar condições ao aluno estrangeiro de dominar, em pouco tempo, as estruturas fundamentais da Língua Portuguesa, nas modalidades oral e escrita”.
1994	Português para	MARCHANT,	Porto Alegre:	8574970301	LA, K7	Níveis básico e avançado

¹⁹ Cada nível do livro “Avenida Brasil” conta com todos esses materiais.

	estrangeiros infanto-juvenil Português para estrangeiros nível avançado	Mercedes	Age	(infanto-juvenil); 858562728X (avançado)	para nível básico (1), K7 para nível avançado (1)	“Crianças e adolescentes cuja língua materna é o espanhol”
1997	Um Português bem brasileiro (níveis 1 a 4)	Fundação Centro de Estudos Brasileiros (FUNCEB)	Buenos Aires: Loyola	987-96351-0-8 (nível 1) 987-96351-2-4 (nível 2) 987-96351-0-8 (nível 3) 987-96351-6-7 (nível 4)	LA	Hispano-falantes
1999 (1ª edição)	Bem-vindo: a língua portuguesa no mundo da comunicação	PONCE, Maria Harumi Otuki de; BURIM, Silvia R. B. Andrade; FLORISSI, Susanna	São Paulo: SBS	85-7583-063-5	LA, LE ²⁰ , LP, LR, CD/K7 (4)	“Público de jovens e adultos de qualquer nacionalidade que queira aprender português, com sotaque brasileiro, como língua estrangeira”. Nível iniciante até o pós-intermediário.
2000 (1ª edição)	Conhecendo o Brasil – curso de português para falantes de espanhol	Fundação Centro de Estudos Brasileiros (FUNCEB)	Buenos Aires: Akian Gráfica Editora S. A.	987-96351-5-9	Livro, K7 (2), vídeo (3)	“Preparado especialmente para falantes de espanhol”. Nível básico
2000 (1ª edição)	Sempre amigos: Fala Brasil para jovens	FONTÃO DO PATROCÍNIO, Elizabeth	Campinas: Pontes	85-7113-140-8	LA, LP	“Público jovem” O último dos seis módulos do livro é dedicado, especificamente, a falantes de espanhol.
2001 (1ª edição)	Interagindo em português: textos e visões do Brasil (volumes 1 e 2)	HENRIQUES, Eunice Ribeiro; GRANNIER, Daniele Marcelle	Brasília: Thesaurus	85-7062-254-6 (Vol. 1) 85-7062-253-8 (Vol. 2)	LA, K7	Iniciante (vol. I) Intermediário (vol. II) Avançado (vol. III, no prelo)
2002	Passagens – português	CELLI, Rosine	Campinas:	8571131643	LA, LR,	“Adolescentes e adultos”

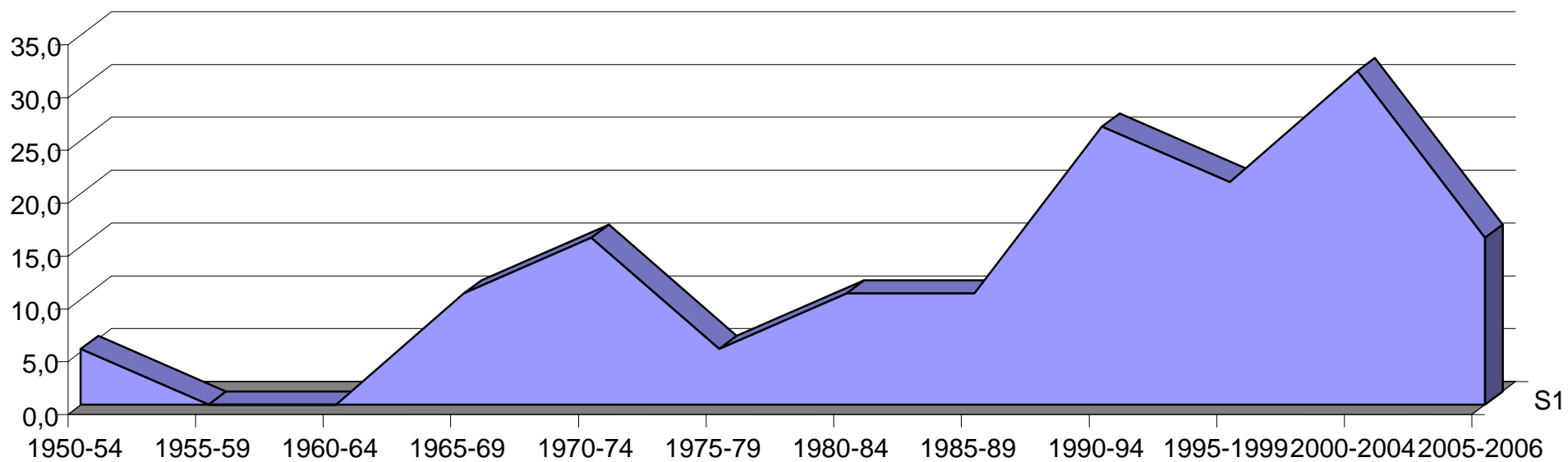
²⁰ A coleção conta com três cadernos de exercícios, destinados, respectivamente, ao público de origem oriental, anglo-saxônica e latina.

	do Brasil para estrangeiros		Pontes		CD, CD-ROM	
2003	Diálogo Brasil: curso intensivo de português para estrangeiros	LIMA, Emma Eberlein Oliveira Fernandes; IUNES, Samira Abirad; LEITE, Marina Ribeiro	São Paulo: EPU	85-12-54220-9	LA, LP, CD/K7 (2), G (al, fr, ing, esp)	“Destinado a um público adulto, a profissionais de todas as áreas que necessitem de um aprendizado seguro e relativamente rápido, aplicando-se também a um público jovem”. “Abrange o ensino da língua desde suas primeiras noções, chegando ao final do nível intermediário.”
2005 (1ª edição)	Estação Brasil: português para estrangeiros	BIZON, Ana Cecília; FONTÃO DO PATROCÍNIO, Elizabeth	Campinas: Átomo	85-7670-015-8	LA, CD (1)	“Alunos aprendizes que já alcançaram uma proficiência média em PLE; alunos que desejam se preparar para o exame de proficiência Celpe-Bras”
2006 (1ª edição)	Panorama Brasil: ensino do português no mundo dos negócios	PONCE, Harumi de; BURIM, Silvia; FLORISSI, Susanna	São Paulo: Galpão	8599311042	LA ²¹ , CD (2)	“Livro voltado para o mundo dos negócios. Ideal para alunos de nível intermediário e avançado, é uma importante ferramenta para educadores que trabalham com diretores, executivos e demais funcionários de empresas que vêm trabalhar no Brasil.”

²¹ As respostas aos exercícios, assim como dicas e sugestões, encontram-se disponíveis no *site* da Editora Galpão.

ANEXO 2

Porcentagem do total de LDs brasileiros de PLE publicados entre 1950 e 2006



ANEXO 3 – Capas de alguns LDs brasileiros de PLE

